

ENTRE SER BRASILEIRO E ESTRANGEIRO: A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM UMA COLÔNIA DE ITALIANOS

BETWEEN BEING BRAZILIAN AND FOREIGNER: THE CONSTITUTION OF URBAN SPACE IN AN ITALIAN COLONY

*Luciana Cristina Ferreira Dias**

RESUMO: Considerando a problemática acerca da linguagem e da identidade nos estudos de perspectiva discursiva, este trabalho busca refletir sobre as representações construídas discursivamente sobre a cidade, considerando uma colônia italiana, no Estado de São Paulo. Em termos de coleta de dados, investiguei, a partir de depoimentos pessoais e materiais que circulam no *site* oficial da cidade, os sentidos sobre ser italiano ou ser brasileiro, tendo em mente a construção do discurso urbano, uma vez que a cidade é um espaço simbólico que organiza conhecimentos sobre as pessoas, instituições e imagens.

PALAVRAS-CHAVE: memória discursiva, cidade, discurso urbano.

ABSTRACT: Dealing with problems of language and identity in discourse studies, this research analyzes discourse-constructed representations on the city, taking into account an Italian colony in the state of São Paulo. In terms of data collection, I investigated personal testimonies and materials that circulate in the official site of city the meanings of being Italian or Brazilian, keeping in mind the construction of urban discourse, since a city is a symbolic space that organizes knowledge about people, institutions, and images.

KEYWORDS: discursive memory, city, urban discourse.

* Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP e professora do Departamento de Letras da Unicentro, Guarapuava, Paraná. O trabalho em questão é fruto de uma qualificação de área em nível de doutoramento orientada pela professora Dra. Carmen Zink no DLA-IEL-UNICAMP. diaslucian@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Estar no espaço entre, eis uma questão instigante em relação à qual o nosso país tem muito a dizer e a ensinar aos outros. Pontuado por mestiçagens, misturas e caracterizado pelo convívio de múltiplas culturas e tendências, o Brasil mostra-se sempre estranho e familiar ao mesmo tempo. Neste sentido, as cidades brasileiras também são espaços dessa convivência multicultural a partir das quais as noções de homogeneidade e de concretude se esfacelam.

Assim sendo, a intenção deste estudo é a de promover uma análise por meio da qual seja possível descrever os gestos de interpretação de imigrantes em relação ao Brasil, à nova terra e sobretudo em relação ao espaço da cidade, tendo-se em vista o tecido social que a constitui. Neste sentido, voltaremos nosso olhar para um município que, a princípio, foi uma colônia agrícola, município esse chamado Pedrinhas Paulista, no interior do Estado de São Paulo, situado à margem paulista do Rio Paranapanema.

Acreditamos que cidade *é um espaço* (e não somente espaço físico, mas espaço linguístico) sobrecarregado de sentidos. De uma perspectiva discursiva, tomamos como base a materialidade simbólica da cidade, buscando compreender os diferentes modos de subjetivação do sujeito migrante e morador, a partir da cidade, além dos sentidos textualizados na materialidade de um *folder* que circula na cidade e faz propaganda do turismo local e imagens postas em cena no *site* oficial da cidade.

Trazendo para cena os modos de significação do sujeito na (nova/outra) cidade, na medida em que são gestos de interpretação que constituem a especificidade do discurso urbano, neste caso, o de uma colônia de italianos, o trabalho focalizará o discurso de imigrantes que “organizam a cidade em discurso” e reafirmam ou não o seu pertencimento ao lugar, diferente da terra natal.

Outrossim, faz-se necessário revelar que o estudo pretende problematizar a questão das diferenças, isto é, buscar-se-á destacar as diferentes posições subjetivas em relação ao espaço da cidade que emergem como diferença, estranhamento ou acolhida frente à terra de origem.

Ora, se olhar para o imigrante é entender a nossa própria condição de brasileiros na cadeia discursiva (cf. BOLOGNINI, 2003: 148), é válido entender a cidade como lugar das contradições e das tensões de sentidos.

Para tanto, no que diz respeito à constituição de um *corpus* de análise, foi necessário coletar alguns depoimentos pessoais, contando com a colaboração de alguns imigrantes. Tais depoimentos, frutos de entrevistas semiestruturadas, foram gravados em K7. Além disso, para uma maior problematização do tema em questão, foram considerados espaços de significação nos quais a cidade se textualiza a partir de monumentos, cartazes e propagandas municipais.

No que diz respeito a questões de cunho epistemológico, em virtude de a pesquisa estar apoiada na Análise do Discurso de linha francesa foi necessário levar em consideração certas questões pertinentes ao sujeito, bem como promover alguns deslocamentos necessários. Consideramos o sujeito constituído pelo discurso, um sujeito que tem uma memória histórica, que define o que diz, suas interpretações e sua posição no mundo, isto é, partimos da premissa de que sujeito e discurso se constituem ao mesmo tempo. Um sujeito que não é fonte tampouco origem de seu dizer.

1. A QUESTÃO DE PEDRINHAS: UN VILLAGIO È NATO

O século XIX viu imigrarem de diversos países europeus cinquenta e sete milhões de trabalhadores na direção da América. Sobre os imigrantes italianos encontramos menções de registros que ultrapassam a faixa de um milhão, cento e sessenta mil, entre 1880 e 1929. Mas a colonização de Pedrinhas é fenômeno recente. Se desde o século XIX, como já foi apontado, a imigração italiana era consagrada, após a Segunda Guerra, ela passou a ser incentivada, fomentada e conduzida. Assim o próprio governo italiano direcionou em 1949 e 1950 a missão de Assistência Técnica que realizou

estudos de reconhecimento territorial e produtivo em áreas rurais de diversos países da América do Sul. Foram enviados ao Brasil três técnicos agrários encarregados de estudar o país, do ponto de vista climático, econômico-agrário, das condições civis e sociais.

Do exame das possibilidades do Estado de São Paulo surgiu a elaboração de quatro projetos de colonização, sendo que três se destinavam ao aproveitamento das áreas de velha colonização enquanto o quarto previa a instalação de uma colônia na região da Alta Sorocabana. Por melhor compreender os critérios de seleção adotados pelos empreendedores, este último projeto foi o adotado. Dessa escolha, surgiu Pedrinhas.

Esse empreendimento (aquisição de terras e execução do plano de colonização) era feito em nome da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana, empresa constituída no Rio de Janeiro, em 28 de setembro de 1950, com o fim de promover a imigração e colonização italiana no Brasil. Vale dizer que em sintonia com Borges Pereira (1974), vejo que esta instituição surgia como um produto também da Segunda Guerra Mundial, compondo assim o elenco de órgãos encarregados da revitalização da imigração italiana no pós-guerra.

Em fevereiro de 1947 era assinado o protocolo do tratado de paz entre Brasil e Itália. Em 8 de outubro de 1949 era estabelecido um acordo entre ambas as partes, regulamentando todas as questões pendentes entre as duas nações. O Brasil detinha recursos confiscados de italianos aqui residentes. Assim sendo, o Brasil deveria liberar tais recursos e aplicá-los, conforme o acordo estabelecia, isto é, em investimentos ligados a planos de colonização. Surge em decorrência desse referido acordo a Companhia Brasileira de Imigração Italiana justamente com o capital formado pelos bens italianos liberados e pela subscrição do governo italiano auxiliado pelo governo americano.

2. A CIDADE COMO LUGAR DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Orlandi (2001: 185) parte de reflexões nas quais é preciso pensar “o espaço urbano numa perspectiva discursiva em que a história e a língua se articulam produzindo sentidos”. A cidade também está atada aos sujeitos que a habitam. Segundo Orlandi (2004: 11) há uma relação corporal entre o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade de modo que “formam um só corpo”.

Os gestos de interpretação específicos que materializam o espaço da cidade se relacionam tanto à organização da discursividade urbana quanto às formas pelas quais a cidade (se) significa. Neste caso, nos interessa

compreender a cidade-colônia enquanto um lugar que demanda gestos de interpretação particulares em relação ao Brasil, seja a partir da posição dos sujeitos-moradores, seja a partir das múltiplas linguagens que desenham um funcionamento específico para a cidade.

No caso de uma colônia italiana, é preciso considerar de que maneira a cidade dividida entre duas identidades, a italiana, suas origens e tradições e a identidade brasileira, espaço novo de relações, se diz e como que a própria linguagem se espacializa no espaço urbano.

Também, é necessário refletir sobre o fato de que a cidade-colônia compreende um modo de funcionamento social. Orlandi (2003) salienta que o social se constitui de maneira muito particular a partir dos modos de vida que a cidade possibilita.

Julgamos válido, dessa forma, trabalhar a cidade como uma configuração específica de diversos modos de materialização do espaço, no qual o sujeito-habitante ocupa diversas posições-sujeito. Na cidade, “espaço e sujeito demandam interpretação”, nas palavras de Fedato (2007: 10).

3. PARÁFRASES E RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS DE SIGNIFICAÇÃO

A noção de discurso como um processo sem começo nem fim que reporta sempre a discursos-outros prévios que lhe servem de matéria-prima e a outros que lhe servirão de base põe em movimento a repetição dos dizeres: as ressonâncias discursivas (SERRANI, 1993). A ressonância discursiva é revelada no que é dito (na cadeia, no eixo da formulação), sendo, assim, caracterizada pela repetição de determinadas unidades linguísticas ou maneiras de dizer que mobilizam o interdiscurso (eixo da constituição dos sentidos) na construção de representações de sentidos.

Dessa forma, ao analisarmos a existência de paráfrase entre duas ou mais unidades linguísticas, devemos estar atentos para o fato de que o próprio conceito de paráfrase, na perspectiva discursiva, implica um retorno constante a um mesmo espaço do dizer, ou seja, um retorno ao domínio da memória, do repetível, do interdiscurso.

- a) modos de enunciar presentes no discurso (modos determinados e indeterminados, o modo de definir por negações ou por afirmações categóricas);
- b) itens lexicais da mesma família de palavras, itens de diferentes raízes lexicais apresentados como semanticamente equivalentes.

4. ANÁLISE DOS DADOS: RESSONÂNCIAS: RETORNOS E AVANÇOS AO MESMO TEMPO

Considerarei alguns depoimentos dos imigrantes em relação ao espaço urbano da cidade-colônia. Após esse trabalho de análise do dizer do sujeito que vive na cidade, voltarei meu olhar para o exame de outros materiais, neste caso, textualidades que falam a/da cidade: um *folder* que circula e incentiva o turismo local e imagens expostas no *site* do município, uma vez que é preciso, usando as palavras de Fedato (2007: 55), considerar as “diferentes discursividades que falam (n)a cidade, produzindo dizeres sobre a cidade”.

4.1. O SUJEITO E UMA RELAÇÃO COM UM NOVO ESPAÇO

E(1)¹ – Nós era tudo italiano, mas **não** falava a mesma língua, todo mundo falava o dialeto. E para compreender era mais duro do que com **os nativos daqui**. Foi veramente. Isso é uma verdade muito grande porque **aqui na cidade de Pedrinha**, quando nós dava de cara com um brasileiro, nós dava de cara com a língua portuguesa. Aqui na, quando noi dava de cara com os imigrantes (uma hora com um **calabrês, uma hora com um veneziano, uma hora com um milano, com um romano**).

E(2) – No começo a gente conversava mais com a mão do que com a boca. **Não falava** bem **não** e quando chegava assim num negócio, numa loja no **centro da colônia** chegava lá e “pois não” e a gente ficava olhando.

Percebemos a ressonância de modo de dizer que se concretiza com o uso do advérbio de negação *não* a partir de enunciações que materializam discursos sobre a relação (necessária) que os imigrantes estabeleceram com a cidade-colônia.

Um aspecto que merece destaque tem a ver com o fato de que o enunciador constrói uma representação de cidade como lugar do caótico e do fragmentário, uma unidade dividida entre nativos e novos habitantes (italianos provenientes de diferentes regiões da Itália). Ao analisar esse depoimento de um imigrante, descobrimos, dentro de uma colônia, a existência de várias cidades, marcadas por línguas e culturas diferentes e vários universos, além das múltiplas subjetividades que aí transitavam.

¹ As entrevistas foram transcritas tal como enunciadas, mantendo-se o registro coloquial da oralidade.

De um olhar organizado e organizador (do urbano) que é totalitário, segundo Orlandi (2004: 29), a materialidade da cidade des-organiza esse lugar totalizador e, obrigando ao percurso/movimento, nos disponibiliza para outra apreensão de sentidos: a cidade, embora tivesse sido pensada, urbanisticamente, como estrutura organizada, visto que era um projeto de colônia, escondia múltiplas vozes sociais e uma heterogeneidade cultural a partir da própria italianidade.

E(3) – A respeito dos brasileiros eu digo uma verdade **porque** a gente passou por isso. **Nós tivemos num primeiro contato com o povo brasileiro, com os imigrantes nordestinos aqui na Perdrinha** e a gente se dava muito **porque** a gente precisava de mão-de-obra e eles de trabalho **para** colher algodão, carpir arroz e tudo aquelas coisas: drenar brejos, desmatou matas, então (tudo serviço pesado). E nós se abracemo.

E(4) – Estranhei o arroz e feijão, **pois** na Itália, **lá** na minha terra, estava acostumado a comê pão, polenta. Aqui, era outra comida. **Os brasileiros daqui comem muita carne, muita farinha, comida muito pesada.**

E(5) – **Minha cidade natal era no pé da montanha, Ponte Arche, lá** eu mexia muito lá com batatinha, milho, fruta: cereja, maçã, pêra uva. Tudo **para** comer, **para** a família. **Aqui** naquele tempo não tinha fruta.

E(6) – Vivia **diferente**. Era **diferente**, Nós vivia **diferente**: comer, viver, **diferente**. Tudo **diferente**. Como faz comida, no viver. Na Itália era outro viver. Lá era de fazer comida. Aqui, a comida que se faz aqui na Itália ninguém come [...] Na Itália, o clima era ameno, **diferente do calor** daqui.

E(7) – A primeira coisa que eu fui olhar na terra, quando chegemo. Lá na Itália não tem um palmo de terra que não tem **chicória** que a gente possa catar para comer. Aqui eu fui ver, não tinha uma **folha de verdura nativa**. Na Itália onde se passa tem aquela **verdura boa** que a gente pode comê como **verdura**. Aqui não tinha nada.

E(8) – Nós tinha **tudo** na Itália, só a terra não era nossa. Mas estávamos bem. Nós só viemos devido ao carinho por parte do pai pelo irmão que estará aqui já há dois anos. Ah... Fazia vinho em casa, na nossa casa não faltava o garrafão de cinco litros. Aqui não se encontrava um bom macarron, sabe aquela pasta... come chama... ave maria, a redondinha,... la massa era **toda** bichada, **tutta** bichada. Como noi vamo viver assim para comer essas coisa que não presta. Escolhia, escolhia, mas **tava tutta** cheia de bicho.

E(9) – Lá tinha **tutto**, é um **pequeno paraíso** lá.

Considerando o papel do modo de dizer explicativo marcado pelo uso das conjunções *pois*, *porque* e da forma *para* (indicando justificativa e finalidade), podemos dizer que a cidade constitui-se historicamente como lugar do hibridismo e do interculturalismo entre representações da Itália e os referenciais brasileiros. A princípio, vale destacar que o primeiro enunciador recupera sentidos atrelados à interdependência dos imigrantes italianos e os brasileiros para a constituição da discursividade da cidade, em termos de trabalho rural, na medida em que a cidade era uma colônia agrícola. Tomando como base seus próprios termos, “nóis se abracemo”, vale discorrer sobre a posição enunciativa em torno do contato com a cidade significada como espaço da união.

Com efeito, há diversas textualidades que constituem o imaginário urbano a partir não somente da história da cidade tomada como um espaço de memórias, mas também da saturação de sentidos que se repetem e produzem à cidade uma dada espessura material: um sentido tido como legítimo e que garante uma representação homogeneizante àquele espaço urbano.

Mas a cidade é também lugar da contradição. Assim, é preciso pensar, a partir de outros depoimentos, os conflitos entre uma representação imaginária de Itália como país das delícias, da beleza, de paisagens típicas e a representação da colônia acolhedora como espaço marcado pela falha e a incompletude (a completude que havia lá não se encontrava aqui).

A partir da repetição do item lexical *diferente*, o sujeito-habitante se posiciona frente ao nosso espaço urbano, sempre comparando-o à sua cidade de origem ou estabelecendo relações entre os seus hábitos e os hábitos dos brasileiros, nativos da cidade. Todos esses sentidos vêm de algum lugar. Constituem uma memória histórica dos imigrantes que definirá o que se diz, as interpretações que emergem, a posição desses imigrantes no mundo, a partir da cidade-colônia.

Em meio ao jogo entre os dêiticos *aqui* e *lá*, a nova cidade projeta-se como uma ordem diferente e falha quando comparada à primeira, a cidade de origem. No caso da constituição do discurso sobre a cidade, há que se considerar que a colônia põe em cena a circulação de um modo de vida (social, urbano) que determina espaços de significância para o sujeito na colônia: esse imigrante é um sujeito à cidade (cf. ORLANDI, 2003) e necessita se adaptar tanto aos seus modos de organização e trabalho quanto aos hábitos sociais de outros habitantes não-italianos.

Assim sendo, os sujeitos, ao enunciar sobre a cidade-colônia, se filiam a dizeres que materializam a ideologia das diferenças profundas entre culturas, a ideologia de que sempre o outro, a outra cultura serão estranhos, exóticos, ou mesmo incompletos, imperfeitos em relação a uma certa idealização de que nossa cultura é melhor, é a correta, é a única forma possível de viver.

Isso se dá a partir da posição-sujeito “nóis tinha tudo lá”, referindo-se às frutas, à fartura, ao vinho que era abundante, o que representa a ilusão da completude do sujeito, algo que tem a ver com idealizações. Isso está em sintonia com o que Serrani (1998: 256) reforça: “o processo de inscrição em segundas línguas sempre comportará formulações nas quais haverá representações interdiscursivas da diversidade e elas podem assumir no discurso formas de estereótipos, etnocentrismo, idealizações, exotismo”.

No caso das colônias, há que se entender que o espaço urbano, ainda que saturado da imagem da cultura estrangeira, é brasileiro. Essa confusão entre “sítios de significação” referentes a uma cultura que precisa ser preservada e condições geográficas diferentes daquelas deixadas pelo imigrante determina a identidade de um sujeito dividido entre o processo de se adaptar ao novo espaço e manter as origens.

Considerando a cidade como um acontecimento histórico que significa o sujeito e o espaço, vale refletirmos sobre os percursos de formulação do espaço urbano: a cidade se formula, a partir desses enunciados, como encontro das culturas ou como lugar de estranhamento frente ao novo, visto que ou os imigrantes precisam reunir esforços para sobreviver ao novo e aos desafios ou não encontram nessa nova cidade os mesmos elementos constitutivos de sua identidade, na antiga pátria.

Mostra-se necessário trazer à baila reflexões sobre o papel de repetições de itens lexicais, no nível da formulação:

E(10) – O Brasil é a nossa Segunda pátria [...] Então nós considera o Brasil como **se fosse** a Itália. O imigrante é assim, tem dois pais e duas mães. Não podemos dizer, mas estou aqui, eu me sinto italiano, ainda hoje me sinto italiano ao mesmo tempo **sou** brasileiro.

E(11) – Nem o padre que veio com o nosso grupo ficou em Pedrinhas. Ele **suportou** apenas três meses longe da Itália. Foi daí que veio para cá o homem que é **um dos grandes responsáveis pela fixação de Pedrinhas Paulista**: Dom Ernesto Montagner que fez com que os italianos tivessem **força** e não **voltasse para casa**.

E(12) – Hoje tá **tudo** misturado. Pedrinhas era só **italiano**, agora entrou muito **brasileiro**. Aqui na cidade, tem aquele brasileiro que até pegou o sobrenome do patrão, o João Gaiofatto, fala **italiano**, canta música, de tanto que conviveu. O **brasileiro** ficou **italiano**

Observemos ressonâncias do modo de dizer categórico-predicativo em torno de algumas formulações nas quais o imigrante estivesse se definindo, definindo o Brasil, a cidade colônia, a Itália, sua experiência. Na primeira formulação temos “o Brasil é a nossa segunda pátria” (já que a Itália é a primeira). Esse dizer ressoa em outra construção: “o Brasil é como se fosse a Itália”. Essa definição materializa a ideologia de que a terra onde se nasce é sempre mais querida e nunca esquecida, sendo que o Brasil e conseqüentemente a nova cidade estão em segundo lugar, segundo plano. Se a imagem que esse mesmo imigrante faz de si é de alguém que tem dois pais e mães, nesse caso, o sentido predominante está ligado à ideia de que a terra natal é a mãe biológica, de sangue e a outra aquela que nos adota, a quem devemos gratidão, por nos ter recebido, embora não fôssemos seus filhos legítimos. Existe uma ideia de sentir-se ainda da terra natal, embora já se esteja distante dela, e, contudo, ao mesmo tempo, considerar-se um brasileiro. O sujeito em relação à cidade se identifica com o lugar que o acolheu ou sente falta de uma mãe que o completaria, tida como objeto perdido.

A última enunciação abre espaços para que pensemos o papel da fixação em uma nova cidade, fora do país de origem. Nesse caso, o dizer predicativo nos revela que houve uma pessoa (figura de um padre) responsável pela fixação da cidade, da colônia, que fez com que os italianos tivessem força e não voltassem *correndo* para casa. Se o objeto Itália é nomeado casa, a escolha é definida pela posição ocupada pelo sujeito enunciador. E o padre teve, retomando mais uma vez o sentido de missão, comprometimento com a colônia e foi, assim, responsável pela cidade e sua manutenção, assim como ele foi o homem que deu respostas àqueles que precisavam (o conselheiro, o amigo das famílias).

Em termos de constituição de uma cidade, a figura da igreja foi, nesse caso, determinante para que a cidade “desse certo”. Se a intervenção da igreja pode ser entendida como forma específica de significar o espaço urbano e seus cidadãos, no caso da colônia de Pedrinhas, a cidade e o sujeito precisam ser vistos como inseparáveis: de um lado, a cidade só existe porque os sujeitos a constituíram a partir de um esforço conjunto de lutar e suportar as diversidades, de outro, os sujeitos são constituídos pela

“cidade”, por sua trajetória de colônia, de lugar novo, a ser desbravado: daí são designados como pioneiros e trabalhadores.

Também, há a repetição no nível intradiscursivo de expressões parafrásticas tais como *suportar*, *tivessem força* que participam da construção de sentidos que colocam a imigração e a conseqüente constituição da cidade como experiência dolorosa, sofrida, permeada por sacrifícios, resignação, anulação e aceitação. A imigração transfere sentidos à cidade, que também se constitui como lugar marcado por esse sofrimento e pelas dificuldades da adaptação e da necessidade de desenvolver um lugar tão sem estrutura.

Neste caso, a escuta dos moradores da cidade, os imigrantes vindos da Itália, dá visibilidade aos processos de identificação vivenciados pelos sujeitos, a partir de diferentes configurações de pertencimento à cidade: alguns moradores falam em nome do projeto de colonização e se representam como artífices do processo de estruturação da colônia e outros rememoram o sofrimento, os sacrifícios e os desafios de quem teve de se adaptar a um novo espaço.

O último depoimento é um dos exemplos mais instigantes da experiência de uma cidade-colônia. Se há uma tendência de constituir separações e divisões entre os habitantes oriundos das várias regiões da Itália e os brasileiros, nativos, no espaço da cidade, há também a emergência do diferente. Tratemos um caso curioso de um brasileiro, um senhor chamado João Rocha, que passou a ser conhecido como João Gaiofatto, sobrenome da família com a qual ele trabalhou.

Essa substituição do sobrenome “brasileiro” pelo italiano produz um efeito de que, no caso das colônias, o país de origem, o estrangeiro, muitas vezes ganha a cena e se sobrepõe ao país novo, em termos de configuração do espaço da cidade. No caso da colônia italiana, o corpo da cidade revela a necessária manutenção da identidade do lugar, na medida em que há um corpo posto, um corpo exposto e um corpo que circula sentidos que se filiam à italianidade.

4.2. A CIDADE E AS IMAGENS TEXTUALIZADAS SOBRE O ESPAÇO URBANO

Buscarei compreender essa relação entre a cidade, o urbano e o social a partir de textualidades que expõem os *espaços visíveis* da cidade (museus, monumentos) e imagens que representam o passado e abordam uma cidade (in)visível, ainda marcada pela referência rural.

Considerando o primeiro texto, vale dizer que me voltei para um exame das ressonâncias neste exemplar de um discurso da cidade. Neste *folder*, além da materialização de um convite para conhecer o lugar, o texto faz retornar mais uma vez uma memória de cidade marcada pela experiência do desbravamento, da colonização ou ainda de uma experiência de colonização que deu certo.

Também, o modo de situar a cidade, isto é, aquilo que está sendo nomeado – o município Pedrinhas Paulista – como pedacinho da Itália no Brasil dá corpo aos sentidos de que a cidade ainda é italiana e guarda ou “persegue” tais características concernentes àqueles que a fundaram. “Venha conhecer Pedrinhas Paulista” é um convite que se materializa não somente nos *folders* (cujo exemplar é aqui analisado), mas também no discurso dos políticos. Também, há uma memória que se textualiza e atualiza sentidos sobre as relações entre Brasil e Itália, em termos de um projeto de colonização e ajuda mútua entre as nações.

Texto 1: materialidade que consta em um *folder*, encontrado no Museu do Pioneiro.

Título: “**Venha conhecer Pedrinhas Paulista. Um pedacinho da Itália no Brasil**”.

“Era uma vez....Pedrinhas Paulista teve sua origem após a II Guerra Mundial, quando a Itália, devido à sua derrota, encontrava-se em condições precárias, tanto social como economicamente. Negociações diplomáticas levaram a um acordo onde, em troca de todos os bens confiscados pelo Governo Brasileiro, a Itália se comprometia enviar imigrantes com experiência agrícola para **colonizar** áreas no Brasil. Foi constituída a Companhia Brasileira de **Colonização** e Imigração Italiana, que **visava promover e sustentar o trabalho do imigrante italiano no país**. Em 1949/1950 foram desenvolvidos através de técnicas trazidas da Itália trabalhos de pesquisa para definir **os prováveis locais a serem colonizados**, encontrando-se entre eles Pedrinhas Paulista, a única que teve **sucesso** na época.

O caso de Pedrinhas Paulista ilustra bem isso. Neste sentido, na organização do espaço urbano, as colônias, em termos de constituição da cidade, “saturam” o local com uma marca cultural que lhe é peculiar e que funciona como atrativo para o turismo. A partir de construções, imagens, nomes de estabelecimentos comerciais, no intuito de aproximar a cidade do país de origem, a cidade torna-se um lugar diferente da nação, neste caso, do Brasil e fica aberta ao olhar curioso do turista que quer se deparar com novos hábitos, sabores, construções, valores e práticas culturais.

Texto 2: materialidade extraída do *site* oficial do município.

Título: “Pedrinhas Paulista, um pedacinho da Itália no Brasil”.

Desde a chegada de seus primeiros colonizadores no ano de 1952, Pedrinhas viveu como **núcleo colonial** sendo elevada a Distrito em 1980, mas somente em 1991 teve a sua emancipação político-administrativa.

Texto 3: materialidade extraída do *site* oficial do município.

Título: “Com esperança de encontrar paz e alegria, nosso destino, o Brasil”.

De **diversas cidades da Itália com destino a outra pátria** que os acolhesse para viver e criar seus filhos em harmonia e em paz, longe da guerra e da destruição que se alastrou pelas montanhas e vales da Pátria mãe, **os italianos embarcaram em navios rumo a América**.

Com as notícias vindas de outras partes do mundo, acendeu na mente daquele povo a esperança de encontrar novamente a alegria de viver e ter um lar feliz.

Para trás, ficaram as lembranças da guerra, da destruição e durante a longa viagem se perguntavam ansiosos: “Mérica, Mérica, Mérica, cossa sara lasta Mérica?” De um lado, tinham a certeza do sofrimento que lá ficou, mas de outro **a incerteza de como seria essa América**.

A partir da análise desses dois fragmentos, podemos dizer que, no caso das cidades-colônias, o eterno retorno ao passado dos habitantes e às tradições dos antepassados funciona como uma prática discursiva a partir da qual é possível especificar aquele espaço como um “recanto de outro país dentro do Brasil”, o que produz um efeito de silenciar (muitas vezes) a presença do sujeito-morador, de origem brasileira ou sua própria influência local. Novamente, repetem-se construções “primeiros colonizadores”, “com destino a outra pátria”, “os italianos embarcaram rumo a América” que participam da produção de sentidos nos quais a cidade constitui-se como parte dessa empreitada, desse desafio e dessa esperança.

Também, é importante assinalar que essa reiteração de sentidos ligados à experiência da colonização mobiliza uma representação de cidade marcada não somente como “uma nova Itália”, mas também como uma terra na qual os colonos tiveram de trabalhar duro, de construir uma vida e de enfrentar o novo e as inseguranças. Voltando nosso olhar para as imagens que circulam no *site* da cidade, podemos notar a retomada de sentidos que relacionam ao município à experiência do trabalho (sobretudo rural, agrícola), da dedicação, do esforço conjunto dos imigrantes e da vontade de prosperidade, em torno da instituição familiar.

As imagens que seguem abaixo, disponíveis no *site* oficial do município, recuperam a representação de cidade colônia de italianos cuja história (também urbana) está calcada no esforço e no trabalho com a terra. Pensar a cidade, neste sentido, é entender o espaço urbano como enquadramento de todos os fenômenos, que, neste caso, se mesclam à representação rural. A cidade é falada a partir de um resgate que não mobiliza prédios, ruas ou estabelecimentos públicos: a cidade, a partir de seu passado, é posta como um lugar que é não é cidade.

Imagens² no *site* oficial da cidade:



Imagem 1



Imagem 2

Assim, a forma como essas imagens significam a cidade-colônia deixa traços e vestígios que se relacionam a um trabalho da memória do dizer a partir de repetições e deslocamentos de sentidos: uma cidade marcada pelo trabalho de um certo povo, ou seja, uma cidade que (se) significa italiana, mas em cenário brasileiro.

Considerando as imagens³ da cidade contemporânea, divulgadas pelo *site*, essas estão reiterando sentidos de que a cidade é, de fato, um pedacinho da Itália no Brasil, de modo que o *site* faz emergir representações fixas de monumentos no estilo italiano. Com efeito, o *slogan* da cidade, “Um

² As imagens 1 e 2 de caráter histórico estão permeando e acompanhando o texto 3, “Com esperança de encontrar paz e alegria, nosso destino, o Brasil”, que segue analisado no artigo.

³ As imagens 3 e 4 referem-se à divulgação da prefeitura no tocante às fotos de Pedrinhas Paulista na seção do *site* intitulada “Cidade”. Neste página, fotos antigas do município são colocadas inicialmente e reiteram sentidos relacionados ao trabalho dos imigrantes, sendo apresentadas como “ontem”. Já as fotos mais contemporâneas são apresentadas na sequência e dão corpo à imagem atual da cidade como pedacinho da Itália, a partir de monumentos e prédios públicos.

pedacinho da Itália no Brasil”, nas palavras de Maluf-Souza (2004), torna memorável e faz reverberar todo um funcionamento ditado para a cidade, ou seja, a cidade pretende dar continuidade a uma identidade italiana fundadora.



Imagem 3



Imagem 4

EFEITOS DE FECHAMENTO

Ao compreender como funcionam os discursos do/no espaço urbano, podemos dizer que a cidade, neste caso, uma colônia italiana, emerge como acontecimento histórico que inaugura formas de *so-ci-abili-dade*, nas palavras de Orlandi (2003). Neste sentido, a cidade projeta-se como um recanto de imigrantes, produzindo, na colonização e ainda hoje, novas relações sociais entre os próprios italianos de diferentes regiões e falantes

de diferentes dialetos ou ainda entre italianos e brasileiros, em zonas fronteiriças de convívio e de trocas culturais.

Ademais, o movimento de recuperação e manutenção de uma memória cultural de cidade se dá a partir de um efeito de repetição incessante de imagens, de expressões linguísticas na língua-outra, de construções e de manifestações culturais típicas, no espaço das ruas, das instituições, dos monumentos, o que produz uma representação homogeneizante de cidade-paulista-pedacinho da Itália, em meio a uma imbricação em que a Itália desejada já é outra (uma Itália brasileira) e a cidade-brasileira também ganha, em seu cenário tropical, traços italianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLOGNINI, C. Z. Colonização e/ou imigração: imaginários e estereótipos que incidem sobre o ensino de alemão no Brasil. In: SERRANI, Silvana (Org.). *Fragmentos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. p. 147-153.

BORGES PEREIRA, J. B. *Italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: Pioneira, 1974.

FEDATO, C. P. *Margens do sujeito no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2007.

MALUF-SOUZA, O. *Vozes urbanas: gestos de pertencimento nos espaços simbólicos da cidade*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.

ORLANDI, E. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PECHÊUX, M. Análise automática do discurso (AAD- 69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

SERRANI, S. *A linguagem na pesquisa sócio-cultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

SERRANI, S. Formações discursivas e processos identificatórios nas línguas. *DELTA*, v. 13, n. 1, p. 63-81, 1997.

SERRANI, S. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para a discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 231-264.